

administração e nas ocupações que permitem a manipulação de situação e de elementos humanos.

Finalizando, a análise comparativa entre a situação do negro na tevê e no rádio mostra que a televisão absorveu profissionais do antigo rádio, mas não possibilitou, por outro lado, a absorção de um grande número de trabalhadores; a população negra empregada na tevê é pouco maior que aquela empregada no antigo rádio. O contingente masculino é maior na tevê e, por outro lado, o contingente feminino tanto negro quanto branco é menor. Por último, a tevê ainda que apresente estrutura mais complexa, mantém o negro na base da estrutura exercendo aquelas funções menos qualificadas e que, conseqüentemente, oferecem menor remuneração. Neste ponto de escolaridade é o fator que mais pesa. Por outro lado, se benefícios houve, estes se encontram no setor programático.

Miriam Nicolau Ferrara

*

MOVIMENTOS sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. Brasília, ANPOCS, 1983 (Ciências Sociais Hoje, 2)

Segunda coletânea da Série Ciências Sociais Hoje, esta publicação agrupa sob quatro temas - "Movimentos sociais urbanos: questões teóricas e estudos de caso", "Estrutura de desigualdades raciais", "Preconceito racial e identidade étnica" e "Estrutura agrária e política indigenista", comunicações apresentadas durante o 3º e o 4º Encontro Anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.

Três artigos integram o tema Estrutura de desigualdades raciais. "Models of economic development and systems of race relations" de autoria de Pierre-Michel Fontaine trata do impacto do modelo de desenvolvimento, ou seja, o conjunto de idéias, políticas e programas desenvolvidos e implementados pelos governos brasileiros após 1964 sobre o sistema de relações raciais.

Antes de entrar no tema propriamente, o autor tece importantes considerações a respeito da fluidez da linha de cor que vigora em nosso país - elemento-chave do conceito de democracia racial; da mediação de fatores tais como educação, ocupação e riqueza para a classificação do indivíduo ao longo do *continuum* branco-negro e, conseqüente determinação do seu *status*; dos fatores que estariam contribuindo para o estreitamento do pólo negro e alargamento do pólo branco nesse *continuum* e, finalmente, das conseqüências desse "embranquecimento" da sociedade brasileira para a identidade, mobilidade social e mobilização do negro.

A necessidade de se conhecer a influência do modelo brasileiro sobre as condições de vida do afro-brasileiro é enfatizada tendo em vista o fato de que os estudos que tratam

da relação entre industrialização e relações raciais, particularmente do impacto da industrialização e modernização sobre as relações raciais não abordam esta questão. Esta tarefa é empreendida pelo autor, focalizando especificamente a experiência de desenvolvimento pós-64.

Neste sentido são discutidos os objetivos e as características do modelo, a articulação do estado e do sistema político brasileiro com a população negra no período anterior a 64, os fatores que propiciaram a implantação desse modelo de desenvolvimento, as suas contradições e as suas conseqüências negativas e positivas para a população negra, seja do ponto de vista político, econômico ou ideológico. O artigo trata ainda da reação da população negra, sob várias formas de protesto, como a afirmação da identidade racial dos valores culturais negros, a mobilização política e mesmo o clientelismo político às condições criadas pelo modelo.

Carlos Hasenbalg no artigo "1976: as desigualdades raciais revisitadas" empreende uma análise comparativa da situação racial brasileira focalizando brancos e não-brancos em um conjunto de variáveis sócio-econômicas e demográficas constantes da PNAD 76 e do Censo de 1950.

Também com base no PNAD 76 o autor desvenda as diferenças de mobilidade social dos dois grupos raciais focalizando o padrão de mobilidade ocupacional intergeracional, a influência da posição social dos pais na realização educacional bem como do nível educacional do indivíduo na sua ocupação.

Os resultados, que mostram um déficit da mobilidade ascendente dos não-brancos, um desempenho educacional inferior em relação aos brancos da mesma origem social, bem como um pior desempenho profissional em relação aos brancos do mesmo nível educacional, levam o autor a refutar as interpretações, que invocam o passado escravista e as suas conseqüências negativas, para explicar a posição social e econômica dos negros e mulatos na sociedade atual. No seu entender, então, a explicação deve ser buscada nas relações estruturais e no intercâmbio desigual entre brancos e não-brancos no presente.

Nelson do Valle e Silva utilizando-se também da PNDA 76 desvenda a articulação entre discriminação racial e mobilidade social. As diferenças entre brancos e não-brancos em relação à várias características sócio-econômicas, captadas numa primeira análise, são examinadas mais detalhadamente com o auxílio de um modelo de equações estruturais denominado ciclo vital, constatando-se que a população não-branca apresenta valores médios de realização inferiores ao branco em todos os estágios do ciclo de vida.

Numa segunda etapa, a despeito do emprego de procedimentos que permitem anular a influência do "*background*" familiar na medida em que este poderia estar contribuindo para esta diferença, constatou-se a permanência das discrepâncias entre brancos e não-brancos.

Estes resultados, além de contestarem a hipótese de que a situação sócio-econômica inferior do grupo não-branco seria uma decorrência da sua situação desigual no momento do ponto de partida, apontam para a necessidade de se considerar a influência das atitudes

discriminatórias sofridas pelos não-brancos e que os colocam em posição de desvantagem perante os brancos durante todo o ciclo de vida sócio-econômico.

Sob o tema *Preconceito racial e identidade étnica*, estão reunidos três trabalhos. Lelia Gonzalez, a autora do primeiro deles "Racismo e sexismo na cultura brasileira", utilizando-se de uma linguagem coloquial e carregada de ironia trata da questão da identificação do dominado com o dominador, ou seja, dos motivos da aceitação e divulgação do mito da democracia racial no Brasil, dos processos que teriam determinado a sua construção, do que está subjacente a ele e, finalmente, de como se situa a mulher negra no seu discurso.

Em "*black soul*: aglutinação espontânea ou identidade étnica, uma contribuição ao estudo das manifestações culturais", Carlos Benedito Rodrigues da Silva focaliza o *black soul*, surgido em Campinas em 1978, mostrando a importância de grupos como este para a identidade do negro e o seu significado de resistência. Uma atitude que contribui para o processo de formação da consciência negra na cidade, embora ela também evidencie, nos hábitos de consumo e em determinadas preocupações dos seus componentes, aspectos da sociedade urbana brasileira.

Em "Mafambura e Caxampura: na encruzilhada da identidade" os autores Peter Fry, Carlos Vogt e Maurizio Gnerre desvendam, através da abordagem histórico-estrutural, o significado da sobrevivência de um africanismo - a língua falada pela comunidade de Cafundó - português acrescido de um léxico de origem bantu, predominantemente quimbundo.

Pesquisando situações concretas vividas pela comunidade, bem como a maneira como os seus habitantes concebem determinados acontecimentos, constatou-se que a língua utilizada por eles, é um elemento importante para as interações sociais dentro e fora da comunidade, o que já explica a sua sobrevivência. Além disso, os conceitos veiculados pelas palavras africanas integram o acervo cultural da comunidade onde está inserido o Cafundó o que também, certamente, contribui para a reprodução e permanência desse africanismo.

Nesse sentido, os autores apontam para as vantagens da abordagem histórico-estrutural. Um método que, ao contrário da abordagem filológica, através da qual apenas se comprovaria a existência desses africanismos, permite entender porque as palavras africanas continuam sendo usadas.

Regina Pahim Pinto